



## A entrada de João Cabral em Portugal

### *João Cabral's Entrance in Portugal*

Arnaldo Saraiva

Universidade do Porto (U.Porto), Porto / Portugal

asaraiva@netcabo.pt

<https://orcid.org/0000-0001-7060-1088>

**Resumo:** Reflexões sobre a receção da poesia e sobre as relações pessoais e literárias de João Cabral de Melo Neto com Portugal.

**Palavras-chave:** João Cabral; poesia; Portugal.

**Abstract:** Reflections on the reception of poetry and on João Cabral de Melo Neto's personal and literary relations with Portugal.

**Keywords:** João Cabral; poetry; Portugal.

Com o gosto que tinha pelas genealogias, João Cabral lembrava com frequência que era parente do lexicógrafo ou dicionarista António de Moraes Silva, dos poetas Manuel Bandeira e Mauro Mota, do sociólogo Gilberto Freyre e do historiador José Antônio Gonsalves de Mello; mas também defendia ou admitia o seu possível parentesco com antigos portugueses como, imagine-se, o próprio descobridor do Brasil, Pedro Álvares Cabral, ou como Jerónimo de Albuquerque, que dizia ser seu décimo quinto avô, ou o açoriano João de Melo e Azevedo, que emigrou no século XVIII para o Recife, onde casou-se com Teresa Cabral de Vasconcelos; ou, ainda, com o poeta açoriano João Cabral de Melo (c.1740-1824), se não com outro poeta açoriano, José Augusto Cabral de Melo (1793-1871), ambos nascidos na ilha Terceira, onde em 1901 também nasceu Vitorino Nemésio, com quem João Cabral se achava fisicamente parecido e que, por curiosa coincidência, foi o primeiro escritor português a falar da sua poesia, no artigo “Poesia ‘engenhosa’”, publicado no lisboeta *Diário Popular*, de 15 de junho de

1949, e depois incluído, com o título “Engenheiro de poemas”, no livro *Conhecimento de poesia* (cf. NEMÉSIO, 1970).<sup>1</sup> Só em novembro do ano seguinte, o já então crítico encartado português, João Gaspar Simões, se ocuparia de três obras de João Cabral no artigo “A poesia, essa estranha invenção”, que publicou, por sinal, no Rio de Janeiro (cf. SIMÕES, 1950).

Independentemente do que diga uma árvore genealógica que ainda não vimos desenhada, sabemos que foi estreita desde a infância a relação de João Cabral com Portugal. No século XX e no seu ano 20, em que ele nasceu, em nenhuma região do Brasil se respeitavam, como se respeitavam no Nordeste, mesmo quando se alteravam e enriqueciam, algumas das melhores tradições portuguesas – linguísticas, religiosas, folclóricas, sebásticas, culinárias, poéticas. Não admira, por exemplo, que quando estive pela primeira vez no Porto, em 1956 ou 1957, e foi a um casual restaurante, ao provar a comida que pedira tenha dito ao seu companheiro Murilo Rubião: – Mas esta é comida lá de Pernambuco, é comida igual à da casa de minha avó e de meu avô maternos.

Já não era a sua primeira entrada em solo português. A primeira dera-se em 1947, quando o navio em que seguia para Barcelona, onde ia assumir o seu primeiro posto diplomático no exterior, parou durante largas horas em Lisboa, onde aproveitou para ver o centro da cidade e visitar livrarias, numa das quais comprou o recém-publicado livro de Fernando Pessoa, organizado por Jorge de Sena, *Páginas de doutrina estética*.

Voltaria a Portugal outras vezes, numa delas acompanhando, em Lisboa, Coimbra e Porto, a representação de *Morte e vida severina* pelo TUCA, em 1966, depois do seu triunfo no Festival do Teatro de Nancy; noutra, por meu intermédio, para ser homenageado pelo *Jornal do Fundão*, nos dias 27 e 28 de janeiro de 1968; e no dia em que fazia 65 anos, a 9 de janeiro de 1985, em que aterrou no Porto para assumir, até setembro de 1987, as funções de cônsul-geral. Já aposentado, voltaria ainda uma vez a Portugal, a Lisboa, em fins de outubro de 1990, para receber o Prémio Camões – que, aliás, não recebeu pessoalmente; foi Marly de Oliveira que o representou, pois no dia da entrega ficou retido no hotel com uma bronquite, disse Marly; mas talvez também tenha acusado os efeitos do *jet lag* (e houve más línguas que falaram numa ressaca).

---

<sup>1</sup> Publicado inicialmente no Brasil pela Publicações da Universidade Federal da Bahia, em 1958.

Claro que o seu contacto direto com terras portuguesas foi tardio e escasso até à sua mais demorada permanência no Porto e foi naturalmente precedido do contacto com a cultura portuguesa que até habitava a sua casa, como se intui não só pela genealogia e pela culinária, mas também pela literatura (seu pai, por exemplo, era um leitor apaixonado de Eça de Queiroz). E foi igualmente precedido do contacto com muitos portugueses, que em várias esferas sociais e culturais se faziam notar no Recife e no Rio de Janeiro. No Recife, onde nasceu e passou a infância e juventude, nasceu também, em 1929, Carlos Pena Filho, que era filho de português e fez a instrução primária em Portugal (João Cabral celebrou-o no poema “A Carlos Pena Filho nos vinte anos de sua morte”, do livro *A escola das facas*); e aí conviveu, por exemplo, com Manuel Anselmo, que em 1942 – ano da publicação de *Pedra do sono* – exercia as funções de cônsul português em Pernambuco, a quem João Cabral pediu uma lista de escritores portugueses que poderiam ter interesse em receber o seu livro; recorde-se que Manuel Anselmo tinha publicado recentemente *A poesia de Jorge de Lima* (1939) e *Caminhos e ansiedades da poesia portuguesa contemporânea* (1941) – que termina, curiosamente, com um capítulo sobre Murilo Mendes –, e tinha preparado no Recife o livro de ensaios sobre escritores modernos de Portugal e do Brasil, *Família literária luso-brasileira*, que seria publicado em 1943 pela editora José Olympio.

No Rio, onde, depois de uma curta estadia em 1940, viveu desde 1942 a 1947, João Cabral pôde tornar-se leitor sistemático de poesia portuguesa, quando o então responsável cultural da editora e livraria carioca Livros de Portugal, logo desdobrada na editora Dois Mundos, o historiador e poeta Jaime Cortesão – pai da poetisa Maria da Saudade Cortesão, que casou-se em 1947 com Murilo Mendes, e de Maria Judith Cortesão, que casou-se nesse mesmo ano com Agostinho da Silva –, pediu-lhe para organizar uma antologia da poesia portuguesa, como pediu a Cecília Meireles para organizar uma antologia de *Poetas novos de Portugal*. Esta foi publicada em 1944 e dava grande destaque a um poeta então ainda quase desconhecido no Brasil – Fernando Pessoa. A antologia de João Cabral, que, ao que parece, contemplaria a poesia do fim do século XIX e início do século XX, daria grande destaque a Cesário Verde, mas perdeu-se nalgum escritório ou armazém, e nem o poeta guardou cópia ou registo dela. Pelo fim dos anos 1960 interroguei donos e funcionários da Livraria Padrão, sucessora

da Livros de Portugal, sobre o possível paradeiro do original da antologia, mas nenhuma pista me foi dada.

João Cabral publicou poemas de incidência explícita sobre muitas das terras ou cidades por onde passou, com óbvio destaque para o Recife e para Sevilha. Mas são escassas na sua obra as referências a terras e gentes portuguesas, o que não admira quando pensamos no silêncio quase total que guardou sobre o Rio de Janeiro, onde viveu por vários anos.

Em toda a sua obra anotei apenas nove textos que falam explicitamente de terras portuguesas ou de portugueses:

“O sim contra o sim” de *Serial*, na parte alusiva a Cesário Verde:

1. o poema “O sim contra o sim”, de *Serial*, na parte alusiva a Cesário Verde: “Cesário Verde usava a tinta / de forma singular [...] escrevia lavando: relavava, enxaguava / seu mundo em sábado de banho” (MELO NETO, 1994, p. 299-300).
2. o poema de *A educação pela pedra*, “Elogio da usina e de Sophia de Melo Breyner Andresen”: “e usando apenas (sem turbinas, vácuos) / algarves de sol e mar por serpentinhas. / Sophia faz-refaz, e subindo ao cristal, / em cristais (os dela, de luz marinha)” (MELO NETO, 1994, p. 339).
3. o *Auto do Frade*, com esta surpreendente passagem metaléptica, em que o protagonista, Frei Caneca, fala como se já conhecesse Sophia e o verso “sob o clamor de um sol inabitável”, que ela deixou no livro *Navegações* (1983): “sob o sol de alma marinha, / sob o sol inabitável / que dirá Sofia um dia” (MELO NETO, 1994, p. 479).<sup>2</sup>
4. o poema, também de *A educação pela pedra*, “Catar feijão”, dedicado a Alexandre O’Neill: “a pedra dá à frase seu grão mais vivo: / obstrui a leitura fluviante, flutual, / açula a atenção, isca-a com o risco” (MELO NETO, 1994, p. 346-347).

---

<sup>2</sup> Numa conversa com Sophia, motivada pela morte de João Cabral e publicada no *Público* de 16 de outubro de 1999, Alexandra Lucas Coelho colocou no fim do verso “que dirá Sofia um dia” uma interrogação que ele não tem, desviando-o do seu sentido: não se trata, como ela diz, de uma pergunta (“perguntou João Cabral”), que aliás o poeta colocou na boca de Frei Caneca, mas de uma citação afirmativa: “sol inabitável” como Sophia dirá um dia (cf. COELHO, 1999).

5. o poema de *Agrestes*, “Visita a São Miguel de Seide”: “Ficaste cego? Foi a última / Gota de água desse suicida, / que matando-se deu à fala, / com seus metais, outra liga” (MELO NETO, 1994, p. 552-553).
6. o poema, também de *Agrestes*, “A Camilo Castelo Branco”: “com que construístes tua vida. / (Com que construístes ou foste tu / o construído por sua vida? / É fácil condenar uma vida / de fora, sem ter que vesti-la /.../)” (MELO NETO, 1994, p. 550-551).
7. o poema de *Sevilha andando*, “Na cidade do Porto”: “da janela que dá para a rua / comercial, consular e triste, / vi passar, entre as que passavam, / uma mulher de andar sevilha: [...] que é onde as mulheres da plebe / passam com porte de duquesas” (MELO NETO, 1994, p. 639-640).
8. o poema, também de *Sevilha andando*, “É de mais, o símile”: “Mais que de Sevilha, és Sevilha, / embora cem papéis desmintam, / que vieste ancorar em Campos / desde Trás-os-Montes e a Itália” (MELO NETO, 1994, p. 634-635).
9. o poema, ainda de *Sevilha andando*, “Sevilha em casa”: “Eis que agora Sevilha cobra / onde a irmandade haveria: / faço vir às pressas ao Porto / Sevilhana além de Sevilha (MELO NETO, 1994, p. 638-639).

O nome de João Cabral não correu em Portugal com o seu livro de estreia, *Pedra de sono*, que também no Brasil poucas referências mereceu fora do Nordeste – mau grado a importância que Antonio Candido lhe deu, numa crítica publicada na *Folha da Manhã*, de 13 de junho de 1943; nem com o seu segundo livro, *Os três mal amados* (1943). Já *O engenheiro* (1945) teria melhor fortuna no Brasil e, embora muito tardiamente, suscitaria a já referida crítica de Vitorino Nemésio, crítica aguda, diga-se,<sup>3</sup> é esta, portanto, a primeira de muitas críticas e referências a João Cabral assinadas por escritores portugueses, alguns dos quais já referi no meu livro *Dar a ver no extremo – o poeta e a poesia de João Cabral de Melo Neto* (cf. SARAIVA, 2014, p. 101): entre outros, Nemésio, Gaspar Simões, Sophia Andresen, Óscar Lopes, Pinheiro Torres, Eduardo Prado Coelho, António

---

<sup>3</sup> Solange Fiúza Yokozawa chamou a atenção para a importância dessa crítica, especialmente no ensaio “Textos fundadores da recepção crítica luso-brasileira de João Cabral de Melo Neto” (cf. YOKOZAWA, 2019).

Mega Ferreira..., e os autores de teses universitárias Rosa Maria Martelo, Maria de Sousa Tavares, António José Ferreira Afonso; mas poderemos nomear outros ensaístas universitários que se debruçaram sobre a poesia cabralina: Sara Brandellero, Alves Pires, Abel Barros Baptista, Carlos Mendes de Sousa, Pedro Eiras e Joana Matos Frias... De notar que vários jornalistas portugueses – José Carlos de Vasconcelos, Alice Vieira, Leonor Xavier, Ana Vitória, Maria Leonor Nunes, José Correia Tavares, Fernando Paiva, Cristina Serra... – publicaram, como eu próprio, entrevistas com João Cabral; e três revistas dedicaram páginas especiais com depoimentos e críticas de numerosos autores sobre a representação de *Morte e vida severina* ou sobre a obra de João Cabral: a revista portuense *Plano* (n. 4, 1966), e as revistas lisboetas *Seara Nova* (n. 1449, jul. 1966) e *Colóquio/Letras* (n. 157/158, jul.-dez. 2000).

Em 1950, João Cabral idealizou, em Barcelona, a publicação de uma revista luso-brasileira, ou luso-espanhola-(catalã)-brasileira, *O Cavalo de Todas as Cores*, dirigida por ele e pelo poeta portuense Alberto de Serpa, impressa, como alguns livros, com o selo A Túnica Inconsútil, no prelo manual que adquirira para tentar vencer uma depressão. A escolha desse poeta como parceiro foi certamente sugerida pelo escritor e diplomata brasileiro Renato Mendonça, que antes de ser colocado na embaixada do Brasil em Madrid, em 1948, estivera dois anos no consulado geral do Brasil no Porto, onde se tornou amigo de Alberto de Serpa, que até escreveu um poema sobre a “Saudade da casa de praia de Renato Mendonça” (cf. SERPA, 1954A, p. 63-64); mas o seu nome já há anos devia ser conhecido por João Cabral: Serpa fora secretário das revistas *Presença* e *Revista de Portugal* (o que o levava a estabelecer, na década de 1930, relações com vários escritores brasileiros), e publicara em Lisboa, em 1944, a antologia *As melhores poesias brasileiras*,<sup>4</sup> com poemas de autores que vão de Anchieta e Gregório de Matos a Augusto Frederico Schmidt e Vinícius de Moraes, ignorando, portanto, o poeta revelado cerca de um ano antes com *Pedra de sono*. Mas a revista, prevista como trimestral, não passou do primeiro número, que contou com a colaboração dos portugueses José Régio e Pedro Homem de Melo, do brasileiro Vinícius de Moraes e dos espanhóis Rafael dos Santos Torroella e Enric Tormo, assim como do ilustrador Francisco García Vilella. Por

<sup>4</sup> O colófon diz que “acabou de se imprimir em 31 do mês de dezembro de 1943” (SERPA, 1944).

motivos de doença, e de deslocação diplomática de Barcelona para Londres, mas não só, João Cabral desistiu de publicar um segundo número, para o qual já Alberto de Serpa lhe prometera colaboração inédita de Fernando Pessoa. O primeiro número pareceu-lhe idêntico ao de outras revistas, não de poesia, mas de poetas, sem a chama nova que gostaria de acender; e talvez se tenha dado conta de que o parceiro português, 15 anos mais velho do que ele e marcado pela estética típica da geração presencista, não seria o parceiro ideal para ajudar a fazer a revista que ele imaginara. No entanto, Serpa foi sempre entusiasta, leal e generoso com o projeto de João Cabral, que lhe escreveu 31 cartas, mas não o contemplou no seu *Almanaque de lembranças luso-brasileiro* (acabado em 1952, mas só publicado em 1954) nem no *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro*,<sup>5</sup> onde aparecem poemas conviviais dirigidos a poetas como Bandeira, Drummond e Ribeiro Couto (cf. SERPA, 1954a, 1954b).

O facto de não ser uma revista de novos nem de vanguarda, de não passar do primeiro número e de ter uma tiragem reduzida (200 exemplares, dos quais talvez só um quarto tenha sido distribuído ou vendido em Portugal) fez com que *O Cavalo de Todas as Cores* não tivesse projetado em terras portuguesas o nome de João Cabral, que, aliás, não incluiu nela nenhum texto seu. E o autor de *Pedra de sono* e de *Os três mal amados* também foi ignorado pelas antologias de José Osório de Oliveira, a *Pequena antologia da moderna poesia brasileira* (cf. OLIVEIRA, 1944) e, o que é bem mais estranho e indesculpável, das *Líricas brasileiras* [1954]). Atento à literatura brasileira, a que já dedicara uma “história breve”, tudo leva a crer que teria dificuldade em entender ou apreciar a poesia cabralina.

Mas não foi por culpa dos portugueses que tardou tanto a aparecer em Portugal um texto de João Cabral. De acordo com um testemunho de Egito Gonçalves, este convidou-o a colaborar na sua revista *A Serpente*, de que saíram três números nos três primeiros meses de 1951, e o poeta respondeu que não podia colaborar “porque o que tinha à mão não passaria na censura portuguesa” (PIRES, 2000).

Que saibamos, é em 1956 que aparece pela primeira vez numa publicação portuguesa, mas graças a um brasileiro, um poema de João Cabral, “O engenheiro”, retirado do livro com o mesmo título editado em

---

<sup>5</sup> Edição fora do mercado.

1945. Trata-se exatamente do primeiro texto de uma “Breve antologia da nova poesia brasileira (1942-1954)”, organizada e introduzida por Cyro Pimentel, que a revista bracarense *4 Ventos*, de cuja direção brasileira Cyro fazia parte, publicou quase no início do seu número duplo 8 e 9, de julho de 1956. (Diga-se de passagem que nessa antologia estão também os primeiros poemas publicados em Portugal de Haroldo e Augusto de Campos, de Décio Pignatari e de Ferreira Gullar.)

Porém, só em 1960 João Cabral apareceria, e de modo fulgurante, em Portugal. Não com um, dois ou três poemas, mas com um livro, e um excelente livro inédito: *Quaderna*, que o poeta Alexandre O’Neill, depois de ler ou de ouvir ler poemas cabralinos em casa de Sophia Andresen, propôs à Guimarães Editores. E nesse mesmo ano o nome de João Cabral aparecia com evidente relevância na antologia organizada pelo então jovem poeta e diplomata Alberto da Costa e Silva: *A nova poesia brasileira* (cf. SILVA, 1960). Embora representado só com três títulos, ele é aí, de longe, o poeta que ocupa mais páginas – treze –, quando muitos outros só ocupam uma ou duas. Três anos depois, a Portugália Editora publicaria a antologia *Poemas escolhidos* – escolhidos pelo mesmo Alexandre O’Neill, com a colaboração de Alexandre Pinheiro Torres; e só em 1986 sairia pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda a *Poesia completa (1940-1980)*. Já no séc. XXI, em 2006, a Cotovia editaria *A educação pela pedra*, e a lisboeta Glaciari lançaria uma diferente edição da *Poesia completa* (2014).

Em 1966, a representação, nas três principais cidades portuguesas, de *Morte e vida severina* suscitara numerosas referências na imprensa, com destaque para as já referidas revistas *Seara Nova* e *Plano*: a primeira recolheu notas ou depoimentos de Urbano Tavares Rodrigues, Almeida Faria, Manuel de Azevedo, Alexandre Cabral e Alexandre Pinheiro Torres; a segunda, de Óscar Lopes, Eugénio de Andrade, António Pedro, António Reis, Egito Gonçalves, Luís Veiga Leitão, Jorge Peixinho, Carlos Porto, Nuno Teixeira Neves, etc.; mas a essa altura já a poesia de João Cabral conhecia grande sucesso junto dos críticos e dos poetas portugueses, graças às primeiras publicações referidas no parágrafo anterior. Mais tarde outras antologias se encarregariam da difusão de poemas cabralinos, que avulsamente também apareceram numa ou outra revista e jornal: a *Antologia da nova poesia brasileira* (cf. LOANDA, 1967), organizada por Fernando Ferreira de Loanda; a *Antologia da poesia brasileira*, organizada por José



Valle de Figueiredo (cf. FIGUEIREDO, 1971), e, sobretudo, a *Antologia da poesia brasileira*, que Alexandre Pinheiro Torres organizou e que dedicou à poesia de João Cabral nada mais, nada menos que 93 páginas (cf. TORRES, 1984); esta antologia seria seguida de mais duas que abriam com a poesia do autor de *O engenheiro: A posse da terra*, organizada por Cremilde de Araújo Medina (cf. MEDINA; AMORA, 1985), e *Antologia da poesia brasileira contemporânea*, organizada por Carlos Nejar (cf. NEJAR, 1986).

Salta à vista que, à data da sua morte, João Cabral já era em Portugal um poeta não diremos “popular”, mas muito conhecido, muito lido e muito estudado. E a crítica portuguesa, pode dizer-se, foi unânime no elogio da originalidade e do rigor da sua “oficina”, no reconhecimento da relevância da sua “mensagem”, colocando-o num dos lugares cimeiros das literaturas de língua portuguesa.

Mas João Cabral também teve, a partir de 1960, a melhor recepção por parte de numerosos e importantes poetas (Sophia, O’Neill, Sena, Armando Silva Carvalho etc.), que o homenagearam poeticamente, ou acusaram a sua influência. Do que falaremos noutra oportunidade.

## Referências

- COELHO, Alexandra Lucas. Que diz Sophia um dia. *Público*, Lisboa, 16 out. 1999. Leituras, p. 2.
- FIGUEIREDO, José Vale de (org.). *Antologia da poesia brasileira*. Lisboa: Verbo, 1971.
- LOANDA, Fernando F. de (comp.). *Antologia da nova poesia brasileira*. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967.
- MEDINA, Cremilde de Araújo; AMORA, António Soares (sel.; pref.). *A posse da terra: escritores brasileiros hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.
- MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.
- NEJAR, Carlos (org.). *Antologia da poesia brasileira contemporânea*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- NEMÉSIO, Vitorino. Engenheiro de poemas. In: \_\_\_\_\_. *Conhecimento de poesia*. Lisboa: Editorial Verbo, 1970. p. 257-261.

OLIVEIRA, José Osório de (sel., pref.). *Pequena antologia da moderna poesia brasileira*. Lisboa: Atlântico, 1944.

OLIVEIRA, José Osório de. (sel.; pref.; notas). *Líricas brasileiras*. Lisboa: Portugália, [1954].

PIRES, Daniel. *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX (1941-1974)*. Lisboa: Grifo, 2000. v. II, tomo 2, p. 536.

SARAIVA, Arnaldo. *Dar a ver e a se ver no extremo: o poeta e a poesia de João Cabral de Melo Neto*. Porto: CITCEM: Edições Afrontamento, 2014. 119p. DOI: <https://doi.org/10.21747/9789898351302/dar2014>.

SERPA, Alberto de (org.). *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*. Lisboa: Inquérito, 1954a.

SERPA, Alberto de (org.). *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro*. Porto: Oficinas da Imprensa Portuguesa, 1954b.

SERPA, Alberto de (sel.; pref.; notas). *As melhores poesias brasileiras*. Lisboa: Portugália, 1944.

SILVA, Alberto da Costa e (org.). *A nova poesia brasileira*. Lisboa: Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil, 1960.

SIMÕES, João Gaspar. A poesia, essa estranha invenção. *A Manhã*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 185, 19 nov. 1950. Letras e Artes, p. 1; 10; 19.

TORRES, Alexandre Pinheiro (sel.; introd.; notas). *Antologia da poesia brasileira*. Porto: Lello & Irmão, 1984. v. III.

YOKOZAWA, Solange Fiúza. Textos fundadores da recepção crítica luso-brasileira de João Cabral de Melo Neto. *Navegações*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, e32561, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2019.1.32561>.

Recebido em: 8 de junho de 2020.

Aprovado em: 13 de julho de 2020.